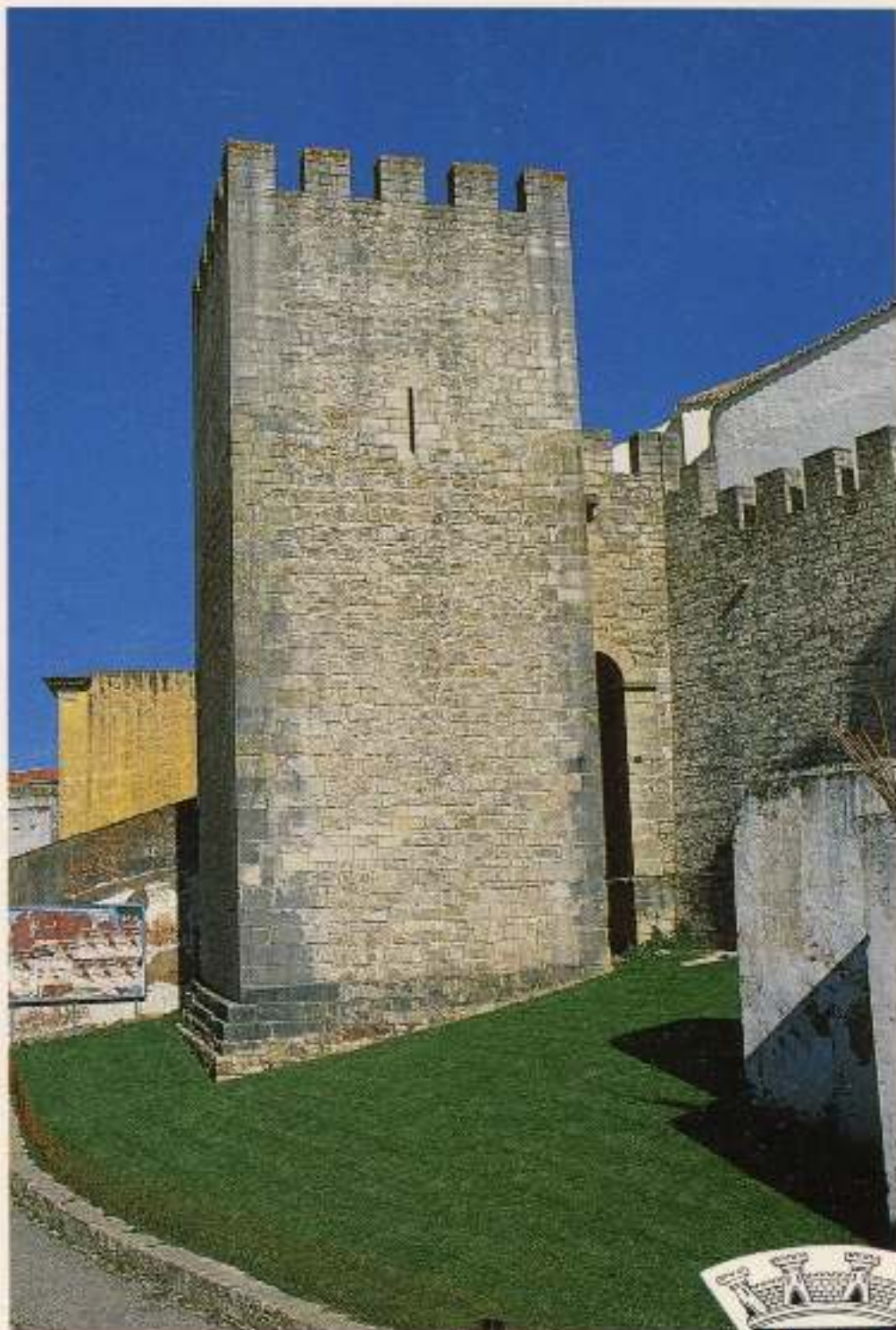


O CASTELO DE LOULÉ

THE CASTLE OF LOULÉ



CÂMARA MUNICIPAL DE LOULE

1990





Casa da Cultura António Bentes

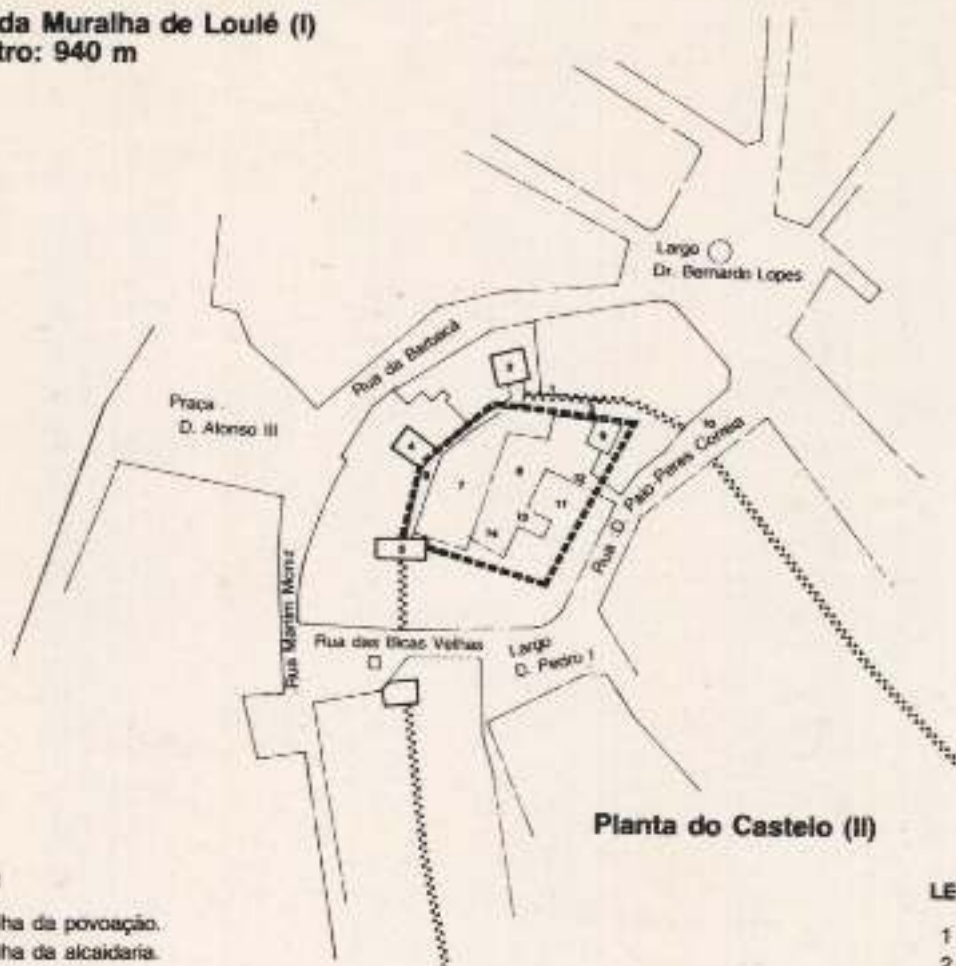
S. Brás de Alportel

Biblioteca

Livro n.º 443

Cota n.º 3-2

Planta da Muralha de Loulé (I)
Perímetro: 940 m



Planta do Castelo (II)

LEGENDA:

- 1 — Muralha da povoação.
- 2 — Muralha da alcaidaria.
- 3 — Primeira torre.
- 4 — Torre de menage.
- 5 — Terceira torre.
- 6 — Pátio interior.
- 7 — Alcaidaria.
- 8 — Caminho de ronda.
- 9 — Torreão.
- 10 — Porta da vila.
- 11 — Construções recentes.
- 12 — Entrada actual.
- 13 — Poço.
- 14 — Arcadas.

LEGEND:

- 1 — The wall of the town.
- 2 — The wall of alcaidery.
- 3 — First tower.
- 4 — Main tower.
- 5 — Third tower.
- 6 — Interior patio.
- 7 — Alcaidery.
- 8 — The route of rounds.
- 9 — Turret.
- 10 — Door to the village.
- 11 — Recent construction.
- 12 — Present door.
- 13 — The well.
- 14 — Arches.



O CASTELO DE LOULÉ

THE CASTLE OF LOULÉ

ISILDA MARIA PIRES MARTINS



INTRODUÇÃO

Quando em 1971 efectuámos o reconhecimento da muralha da Vila de Loulé (planta I), foi com o objectivo de sensibilizar a Câmara Municipal e a população em geral no sentido da necessidade da preservação e conservação do nosso monumento militar.

De facto nos últimos anos, tínhamos assistido à sua degradação em ritmo acelerado, com particular incidência no troço que corre entre a Rua Primeiro de Dezembro e a Avenida Marçal Pacheco, tendo inclusivamente sido destruído um torreão⁽¹⁾ frente ao Hospital.

Procurávamos, mas foi em vão, com o nosso modesto contributo despertar a atenção para o valioso património local e atrasar o processo de delapidação do mesmo.

Passados doze anos, é com agrado que registamos o interesse da actual Câmara, caso único na história do Município, na recuperação e dignificação do nosso património.

Este empenhamento autárquico creio dever inserir-se num movimento mais vasto que se desenha na Europa, uma nova conjuntura cultural, denominada pós-modernismo, onde se processa uma dialéctica entre o progresso e a herança cultural em oposição ao niilismo e autodes-



INTRODUCTION

When, back in 1971 we carried out a survey of the walls of the town of Loulé (Plan I) it was with the objective of bringing to the attention of the Town Hall and the population in general, the need to preserve and maintain our military monument.

In fact, during the past few years, we had been presencing its rapid degradation mainly between Rua 1.º de Dezembro and Av. Marçal Pacheco, and, inclusively a tower fell in front of the hospital.

We tried, without success, with our modest contribute, to raise the attention towards the valuable local patrimony and to delay its delapidation.

Now, 12 years gone, it is with pleasure that we register the interest of the present Town Hall, the only one in the history of the County, towards the recovery and dignification of our patrimony.

This interest is part of a vast movement arising in Europe, in a new cultural conjuncture, denominated post-modernism, where a dialect between the progress and the cultural heritage is processed, in opposition to the nihilism and self destruction of the last decades.

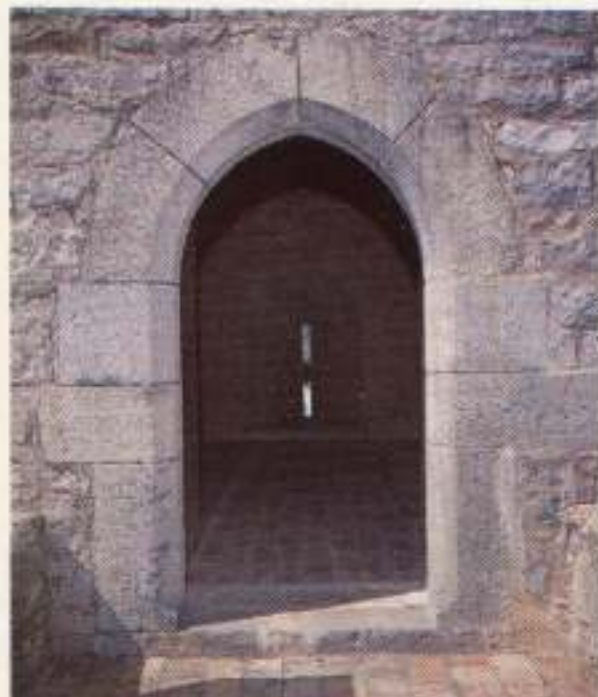
We intend to continue the study of the local arqueology, the permitted reading of the contents of the historic-medieval urban nucleus, occupying an area of



Dupla cerca de muralhas - Double wall



Caminho de ronda - Route of the round



Porto Gótico - Gothic Portal

truição das últimas décadas.

Pela nossa parte, temos em mente, na prossecução do estudo da arqueologia local, a leitura permitida da tessitura do núcleo urbano histórico-medieval, o qual ocupava uma área de 49.200 m² e se desenvolveu no sentido Sul-Norte.

Detenhamo-nos, por ora, no Castelo localizado entre a Rua da Barbacã, Largo Dr. Bernardo Lopes, Rua D. Paio Peres Correia, Largo D. Pedro I, Rua das Bicas Velhas, Rua Martim Moniz e Praça D. Afonso III (planta II).

O Castelo de Loulé

Sito no extremo Norte da Vila (planta I), assenta, como toda a povoação, numa pequena colina onde ocupa o lugar mais defensável.

Estava envolvido por uma dupla cerca de muralhas, mais elevadas do que as do burgo, provocando na povoação que defendia uma sensação de sobrançeria.

Loulé recebeu carta de fora⁽²⁾ em 1266, do mesmo modelo⁽³⁾ das de Lisboa, Coimbra e Santarém, isto é, de tipo nacional. Era um Município perfeito, tendo como autoridade militar um alcaide⁽⁴⁾ nomeado pelo rei e seu delegado, e por autoridades municipais dois alvaxis eleitos, anualmente, pelo povo.

Eram frequentes os conflitos entre os dois poderes que disputavam competências, além dos alcaides tentarem exercer influência na própria eleição dos alvaxis. Esta ingerência no governo local e certas exigências e abusos que o poder militar exercia no burgo, não raras vezes chegava a provocar levantamentos populares. Assim se justifica que os castelos tivessem, em relação à povoação, um sistema defensivo próprio, como no caso vertente.

O Castelo de Loulé compunha-se por duas cercas de muralhas (planta II, 1, 2), com suas torres (planta II, 3, 4, 5), um pátio interior (planta II, 6), casas de habitação (planta II, 7), adossadas às muralhas, para o alcaide e sua guarnição.

As Torres

A muralha norte, que dá para a Rua da Barbacã tem oito metros de altura. O topónimo⁽⁵⁾ da rua anexa, esclarece-nos sobre a existência de um fosso entre esta muralha e outra mais baixa que desapareceu.

Da muralha principal destacam-se três torres de alvenaria que se elevam do solo à altura de 15,50 metros. Seus corpos, perfurados por seteiras, ostentam no topo ameias. A muralha com parapeito ameado liga as três torres através do caminho de ronda (planta II, 8), com a largura de 1,80 metros.

A primeira torre (mapa II, 3), de planta quadrangular tem 10,90 metros de perímetro. Do caminho de ronda parte uma escadaria que permite o acesso a uma sala com 13,92 m², que se desenvolve no seu interior, com tecto em abóbada de berço.

A partir desta torre, na direcção E, a muralha bifurca-se. Um dos troços (planta II, 1), une-se à muralha da povoação, o outro (planta I, 2), envolve o Castelo separando-o do burgo.

A segunda torre (planta II, 4), de planta rectangular com perímetro de 26,60 metros está encostada à muralha. No seu interior desenvolve-se uma sala de 15,98 m² coberta por uma abóbada de berço. O pórtico ostenta

49.200 square metres, extending from the south towards the North.

Let us stop and look at the Castle situated between Rua da Barbacã, Largo Dr. Bernardo Lopes, Rua D. Paio Peres Correia, Largo D. Pedro I, Rua das Bicas Velhas, Rua Martim Moniz and Praça D. Afonso III (plan II).

The Castle of Loulé

Situated in the extreme North of the Town (Plan I), it stands, like all the town on a small hill, where it occupies the most defensible site.

It was surrounded by double walls, higher than those of the surrounding burgh, which gave the population a feeling of security and power.

Loulé received in 1266 a charter like the ones issued for Lisbon, Coimbra and Santarém, that is, the national type. It was a perfect County, having as military authority an alcaide nominated by the King and his delegate and two alvasis elected annually by the population.

Conflicts were frequent between these two powers, who disputed competences apart from the alcaides influencing the election of the alvasis.

This lack of management in the local government and certain demands and abuses that the military power inflicted on the burgh, often caused rebellion in the population. This reason justifies why the castle had, in relation to the population, its own defensive system, such as situated on a hillside.

The Castle of Loulé was made up of two circled walls (Plan II 1, 2) with its towers (Plan II, 3, 4, 5) and interior pátio (plan II, 6) living in space (plan II, 7) next to the walls, used by the alcaide and his servants.

The Towers

The north wall, facing Rua da Barbacã is 8 metres high. The toponium of the street, annex, clarifies us on the existence of a ditch between this wall and a lower one which disappeared.

Three towers outstand from the main wall. They are made of masonry rising from the ground up to a height of 15,50 metres. Its bodies, perforated by embrasures, have crenelated tops. The wall with the crenelated still joins the three towers through the route of the rounds, which is 1,80 metres wide.

The first tower (map II, 3) of square shape, has a perimetre of 10,90 metres. From the route of the rounds leads a staircase that permits the access to a room with 13,92 metres, that deservolves in its interior, with a barrel-vaulted ceiling.

From this tower, towards E, the wall bifurcates. One of the routes (Plan II, 1) joins the wall of the population, the other (plan II, 2) involves the Castle, separating it from the burgh.

The second tower (plan II, 4) of rectangular shape and a perimetre of 26,60 metres is next to the wall. In its interior there is a room with 15,98 square metres, covered by a barrel-vaulted ceiling. The portico displays a pointed arch from the initial Gothic. The access to this room is through a staircase leading from the route of the rounds. From here there is also another staircase leading to the vigilance area with an area sensibly the same as that of the room.

The third tower (plan II, 5) of rectangular shape, with a perimetre of 28 metres, is imbedded in the wall. From the route of the round leads a staircase into a room of 12,48 square metres, which exists in its interior. The



Acceso à sala da torre 1 - Access to the room of the 3rd tower



Marca de pedreiro - Stone mason's sign



Marca de pedreiro - Stone mason's sign



Façoado da alcaidaria - Alcaidary Mainfront



Níveis arqueológicos - Archaeological Remains

um arco ogival do gótico inicial. O acesso à sala processa-se por uma escadaria que parte do caminho de ronda. Daqui outro lanço conduz-nos à zona de vigia com uma área sensivelmente igual à da sala.

A terceira torre (planta II, 5), de planta rectangular com 28 metros de perímetro, encontra-se encravada na muralha. Do caminho de ronda parte uma escadaria para uma sala de 12,48 m² existente no seu interior. O tecto e pòrtico são iguais aos das salas das torres anteriores.

As pedras talhadas ostentam as siglas, presentes em toda a construção, dos pedreiros medievais.

Alcaidaria

Adossado à muralha desenvolve-se um edifício de dois pisos (planta II, 7). Da leitura da fachada conclui-se que a sua construção se processou por fases tendo conhecido sucessivas modificações ao longo dos tempos.

A habitação do alcaide, a alcaidaria propriamente dita, ocupava o segundo piso o qual se ergue a partir do nível do caminho de ronda. De construção muito incaracterística, no entanto, alguns elementos,

como os alçados e cantaria das portas e janelas levam-nos a admitir tratar-se de uma ampliação do século XVIII, quando aqui esteve aquartelado um regimento de dragões⁽⁶⁾, além de outras modificações efectuadas nos séculos seguintes.

Presentemente, encontra-se em fase de restauro. Ocupa uma área de 206,06 m². Compreende oito salas. Em quatro das quais, na ala esquerda, com uma área de 134,16 m² ficará instalado o Arquivo Histórico Municipal. No restante edifício e salas das torres funcionará o futuro Museu.

No actual primeiro piso (planta III) o talhe das cantarias dos pòrticos, a abóbada da sala número três e as prospecções arqueológicas levam-nos a admitir que remonta ao século XVI. Este piso, com a área de 168,14 m² tem quatro salas, nas quais estaria alojada a guarnição militar do Castelo.

A primeira sala (planta III, 1), de planta quadrangular, com a área de 20,88 m², encontra-se adossada à muralha da alcaidaria. O tecto é em abóbada de aresta.

A segunda sala (planta III, 2) de planta triangular, cujo vértice toca a muralha da alcaidaria, tem 44,08 m² e está coberta por uma abóbada incaracterística.



Arco Duplo - Double arch



Paredo primitiva - Primitive wall



Cala 4 - 4th room

ceiling and portico are the same as those found in the rooms of the other towers.

The carved stones display the monograms present in all its construction, of the medieval masons.

Alcaidery

Next to the wall, there is a two-storey building (Plan II, 7). From the reading of the façade, it can be concluded that its construction was carried out in phases, and has known successive changes as time went by.

The living-in quarters of the alcaide, the alcaidery, occupied the second floor, which rises from the level of the route of the rounds. With a very uncharacteristic construction, there are however some elements, such as the vertical projection and the masonry to the doors and windows, lead us to admit that it is an amplification of the XVIII Century, when the regiment of the Dragons⁽⁶⁾ was lodged there, as well as other changes made in the Centuries that followed.

Presently it is being restored. It occupied an area of 206,06 square metres. It has a total of

eight rooms, in four of which, in the left wing, with an area of 134,16 square metres, is installed the Municipal Historical Archive. In the rest of the building and rooms of the towers, will function the future Museum.

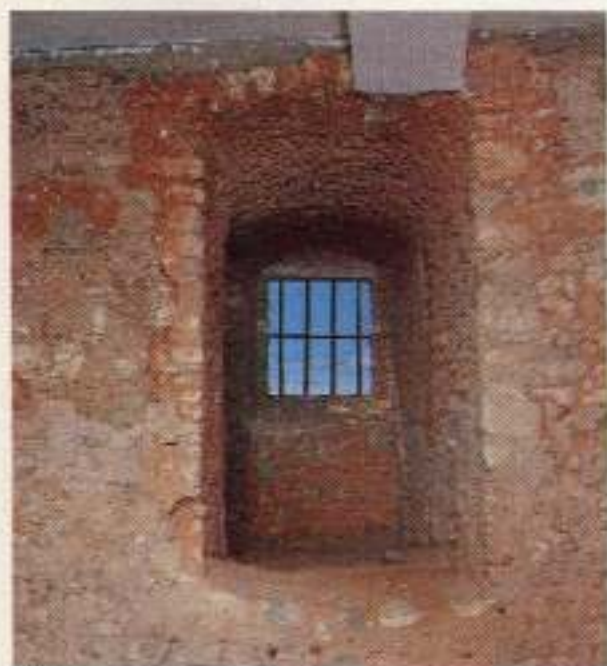
In the actual first floor (Plan III) the design of the masonry of the porticos, and the vaulted ceiling of the room number three and the archaeological discoveries, lead us to admit that it goes back to XVI Century. This floor with an area of 168,14 square metres, has four rooms, in which the military aids of the Castle were lodged.

The first room (plan III, 1) of rectangular shape, with an area of 20,88 square metres, is attached to the wall of the alcaidery. The ceiling is arris-vaulted.

The second room (Plan III, 2) of triangular shape, which vertex touches the wall of the alcaidery, has 44,08 square metres, and is covered by a vaulted ceiling of no defined characteristic.

The third room (Plan III, 3) of rectangular shape has 52,36 square metres. Its ceiling is barrel-vaulted shape, starting from the floor.

The fourth room (Plan III, 4) of square shape has 50,82 square metres. It is not known what



Janela escavada na laipa - Window dugged on mud



Torreão do pátio - Patio tower



Visagem para o interior da povoação - Passage to the inside of the village

A terceira sala (planta III, 3), de planta rectangular tem 52,36 m². O tecto é em abóbada de berço com arranque ao nível do solo.

A quarta sala (planta III, 4), de planta quadrangular tem 50,82 m². Desconhece-se como seria o tecto primitivo por ter sido totalmente demolido.

No solo desta sala, enquanto se procedia ao restauro do restante edifício, efectuámos algumas prospecções arqueológicas.

Feito um corte (planta V), detectámos diversos estratos arqueológicos do romano ao actual, cujo estudo contamos apresentar num próximo trabalho.

O solo virgem encontra-se a 1,30 m de profundidade. Seguiram-se escassos vestígios de ocupação romana (1.º pavimento).

Do período muçulmano (2.º pavimento) paredes de uma casa (planta V, 1), abundantes elementos cerâmicos, metálicos e de vidro denunciam prolongado período de ocupação. As paredes da casa eram forradas de massa de gesso com frescos de cambiantes coloridos azuis e verdes.

A 75 cm do nível do pavimento actual, encontramos em toda a sala uma camada carbonizada. Seguida de um terceiro pavimento em calçada. A este nível fragmentos de cerâmica grosseira, e de

louça branca apontam-nos para o século XIV⁽⁷⁾.

O quarto pavimento, julgamos ter sido em tijoleira grosseira avermelhada. Foram encontradas inúmeras moedas sobretudo celtis de D. João I e D. Afonso V. Encontramos por fim cerâmica pintada com aranhões possivelmente do século XVI⁽⁸⁾.

O quinto pavimento era em ladrilho de barro amarelo. Este pavimento encontrava-se ao nível da primeira soleira da porta e deve ser seu contemporâneo. Entre este pavimento e o seguinte encontramos algumas moedas e fragmentos de cerâmica pintada típica dos séculos XVII e XVIII⁽⁹⁾.

Quando se colocou o 6.º pavimento, o actual, o nível do solo foi subido e houve necessidade de se meter uma segunda soleira.

Analisemos o tecto desta sala. O actual não é o primitivo, no entanto existem elementos que nos interessam. Dois arcos justapostos de épocas diferentes (planta V, 2, 3).

O primeiro arco (planta V, 2) assenta a sua base ao nível do 2.º pavimento enquanto a base do outro, ficou ao nível do quarto pavimento e deve remontar ao século XVIII aquando da construção ou remodelação do piso superior da alcaidaria. Foi encostado ao primeiro como reforço da construção então efectuada.

Enquanto o primeiro arco tem um aparelho que classificariamos de mudéjar, com pedra intercalada de ladrilho. O segundo, mais largo e robusto, apresenta aparelho menos cuidado de pedra calcárea (caliço).

Observemos as paredes da sala. A da fachada, deve ser contemporânea do actual pórtico. A da esquerda, cujo alicerce primitivo assenta no solo virgem, acompanhou as fases evolutivas dos níveis dos diversos pavimentos. A parede do lado direito, comum à sala número três, não foi estudada. A parede do fundo apresenta uma abertura em túnel, de 3,70 metros, até uma janela que para a Rua da Barbacã. Uma prospecção efectuada nesta parede mostrou tratar-se de um torreão em taipa, forrado por uma fina camada de pedra caliça. Um soco de alvenaria, contemporâneo do primeiro arco do tecto, reforçou a sua base (planta V, 4).

Por analogia com outros castelos, admitimos como hipótese de trabalho ser aquela abertura a denominada «porta da traição»⁽¹⁰⁾, que abria para a campanha e por onde a guarnição em casos de necessidade, pelos motivos atrás aduzidos, mantinha



Poço do Castelo - Castle well



Escultura medieval - Medieval sculpture

the original ceiling was like, as it was totally demolished.

On the floor of this room, while the rest of the building was being restored, we carried out some archaeological prospections.

A cut was made (Plan V), and it was detected various extracts, ranging from the roman to the actual, study of which we are hoping to present in a future work.

The virgin soil is to be found at the depth of 1.30 metres. Scarse vestiges of roman occupation were followed (1st pavement).

From the Mussulman period (2nd pavement) walls of a house (Plan V, 1) abundant ceramic elements as well as metallic and glass, indicate a long period of occupation. The walls of the house were covered in white plaster with blue and green frescos.

At 75 centimetres from the level of the actual pavement we found, in all the room, a carbonized layer. This was followed by a third pavement in stone. At this level coarse fragments of ceramic and white chinaware lead us to the 14th Century (7).

The fourth pavement, we believe to have been in coarse red tiles. Many coins were found mainly ceitis from D. João I and D. Afonso V. Lastly we found painted ceramic possibly from the 16th Century (8).

The fifth pavement was in yellow earthenware tiles. This pavement was at the level of the first door-stone and must be its contemporaneous. Between this pavement and the next we found some coins and fragments of painted ceramic typical of the 17th and 18th centuries (9).

When the 6th pavement was laid, being the actual, the level of the ground rose and there was a need to put in a second slate.

Let us study the ceiling of this room. The actual is not the primitive, but there are some elements that are of interest to us. Two arches side by side, and of different periods. (Plan V, 2, 3).

The first arch (Plan V, 2) sits its base at the level of the 2nd pavement while the base of the other, is at the level of the fourth pavement and should go back to the 18th century, when of the construction or modification of the superior floor of the alcaidery. It was attached to the first as a reinforcement of the construction then carried out.

While the first arch has an aspect that we would classify as Portuguese-Moorish style, with



Mira da Alcaidaria - Wall of Alcaidery

stone intercalated with tiles, the second is larger and stronger, and shows an aspect less cared, of calcareous rock.

Let us observe the walls of the room. The façade must be contemporaneous of the actual portico. The one on the left, whose primitive foundation sits on the virgin soil, accompanied the evolutionary phases of the levels of the various pavements. The wall on the right hand side, common with that of room number three, was not studied. The wall on the end shows an opening in tunnel, of 3.70 metres, up to a window facing Rua da Barbacã. A study made of this wall showed that it is a mud turret, covered by a fine cover of rubble stone. A masonry part, contemporaneous of the first arch of the ceiling, reinforced its base (Plan V, 4).

By comparison with other castles, we admit as a work possibility, that being the opening denominated «treason door»⁽¹⁰⁾ that opened to the country and through which the military aids, if required, due to reasons afore mentioned, maintained communication with the outside, and through which it could be helped or removed.



Cabeceira de sepultura medieval - The medieval headstone

Pátio do Castelo

Destinado a refúgio da população, em caso de extrema gravidade, este recinto de planta pentagonal, ocupava uma área de 450 m².

Do lado Noroeste, desenvolve-se, como já referimos, o edifício da alcaidaria.

Do lado Norte encontra-se a sala número um encostada à muralha da alcaidaria. Segue-se o pano da mesma muralha com a altura de 8 metros.

No ângulo Nordeste do pátio eleva-se um torreão quadrangular (planta II, 9), em restauro, cuja existência se ignorava por se encontrar mascarado por outras construções, em mau estado de conservação e atulhado de lixo. Na base do torreão, um arco de volta perfeita permite a passagem, ora descoberta, de uma rua, em degraus largos e baixos, outrora lajeados, que corre em direcção à Porta da Vila (planta II, 10). Por aqui se processaria a comunicação do Castelo com o exterior.

A zona Este do pátio encontra-se afectada pela construção relativamente recente, de algumas casas (planta II, 11) que seria de todo o interesse adquirir para demolição. Mesmo assim foi possível assinalar um troço de muralha (planta II, 12) da alcaidaria que nos facultou o seu perímetro permitindo a elaboração da planta II.

Junto deste troço de muralha, no interior, fica o poço do Castelo (planta II, 13).

Do lado Sul desenvolvem-se duas arcadas com abóbadas de aresta. Sob a arcada (planta II, 14), observamos uma passagem entaipada.

Quando elaborámos o trabalho⁽¹¹⁾ já citado, foi-nos dado observar, no edifício contíguo à dita arcada, mas com fachada para a Rua das Bicas Velhas, a existência de uma construção abobadada, com uma porta entaipada e bancos de alvenaria (planta IV), onde possivelmente, os munícipes aguardariam a vez de serem atendidos pelo alcaide.

Reiteramos a hipótese de se tratar da porta do Castelo que abria para a povoação.

The Pateo of the Castle

It was used as a refuge place for the population, in case of extreme need, this precinct of pentagonal shape, occupied an area of 450 square metres.

On the Norwest side there is, as already mentioned, the building of the alcaidery.

On the North there is the room number 1, next to the wall of the alcaidery. It is followed by the wall 8 metres high.

On the Noreast side of the pateo there is a turret, of rectangular shape (Plan II, 9) now restored, which existence was unknown because it was covered by other constructions, in bad state of conservation and full of rubbish.

At the base of the turret, a perfect arch allows passage, now discovered, into a street, with large and low steps once flagged, that runs towards «Door to the Village» (Plan II, 10). Towards this passage it was processed the communication with the outside.

The East area of the pateo is affected by the construction relatively recent, of some houses (Plan II, 11) that would be of most importance to purchase for demolition. Even so, it was possible to discover a part of the wall (Plan II, 12) of masonry that gave us its perímetro permitting the elaboration of plan II.

Near this part of the wall, in the interior, there is the well of the Castle (Plan II, 13).

On the South there are two pointed vaulted arches. Under the arch (Plan II, 14) we saw a passage made of mud.

When we elaborated the work (II) already mentioned, we saw, in the building next to the referred arch, but with a façade towards Rua das Bicas Velhas, the existence of a construction in vault, with a door in mud, and seats of masonry (Plan IV), where possibly the inhabitants awaited their turn to be seen by the alcaide.

We reiterate that perhaps it was the door of the Castle that opened to the Population.

Conclusão

Analisados os materiais e estruturas podemos admitir que no local do actual Castelo existia uma Fortaleza anterior à Reconquista Cristã. Muito embora futuras prospecções arqueológicas possam provar que esta Fortaleza não estivesse integrada no burgo. Destinar-se-ia a proteger não só a povoação mas também a vasta região que o circundava.

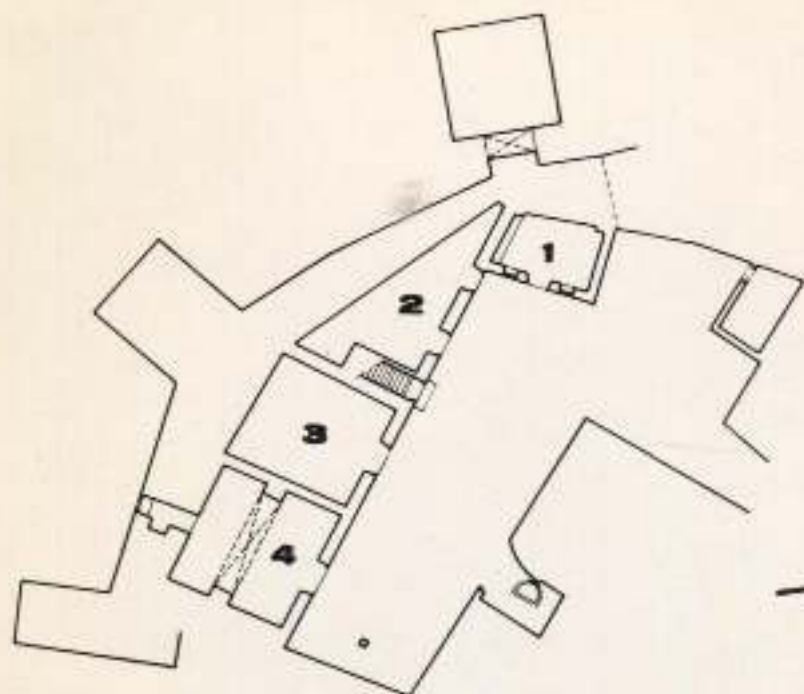
Presentemente encontra-se envolvido por construções recentes que o mascaram. Urge demoli-las restituindo ao Castelo a sua dignidade.

Conclusion

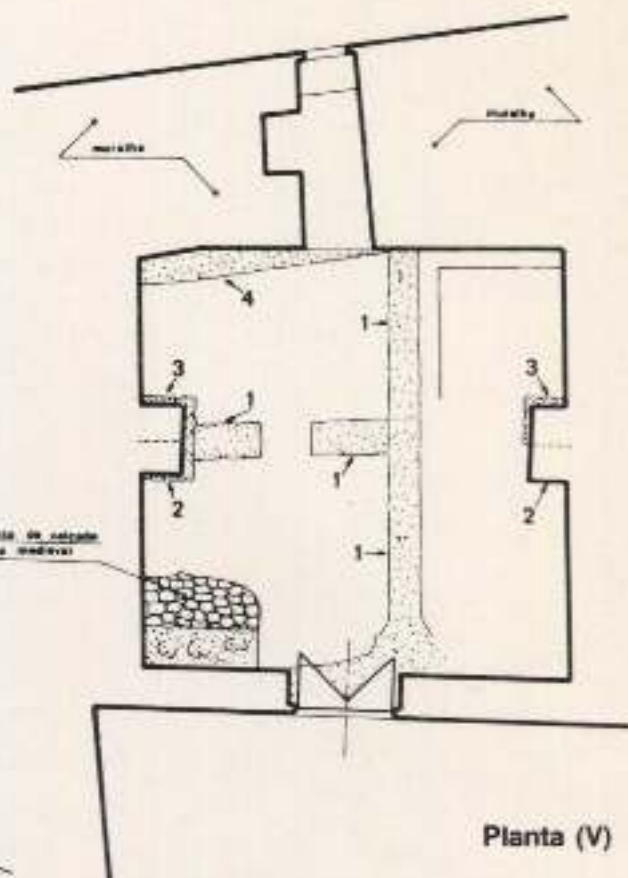
Once analysed the materials and the structures, we can admit that the actual Castle is antecedent to the Christian Conquest, notwithstanding that future archaeological prospections may prove that this fortress was not integrated in the burgh.

It was used to protect not only the population but also the vast region around it.

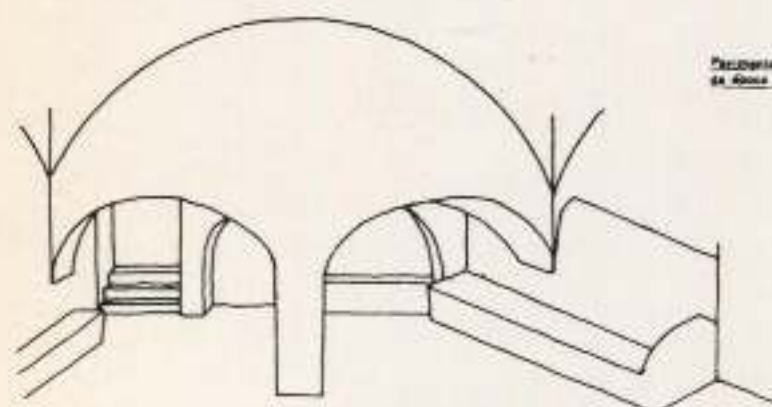
Presently it is surrounded by recent constructions that are hiding it. It is urgent to demolish them and give back to castle its dignity.



Planta (III)



Planta (V)



Planta (IV)


NOTAS:

- (1) Isilda Pires Martins e José Luis de Matos «Muralhas de Loulé» in «O Arqueólogo Português», série III, Vol. V, pág. 237.
- (2) Chan. de D. Afonso III, Liv. I, f. 83V
- (3) Herculano, Alexandre, «História de Portugal», Vol. VII, pág. 171, segs.
- (4) Idem, Vol. IV, pág. 137, segs., Vol. VIII, pág. 167, segs.
- (5) Dic. Lello Universal, Ed. Lello e Irmão, Porto.
- (6) Oliveira, Athaide de «Monografia do Concelho de Loulé», Porto, 1905, pág. 77.
- (7), (8) e (9) Queirós, José, «Cerâmica Portuguesa».
- (10) Enc. Verbo, Ed. Verbo, Lx. 1966.
- (11) Isilda Pires Martins e José Luis de Matos, op. cit., págs. 243 e 244.
- (12) Não encontramos nenhuma descrição do Castelo de Loulé

BIBLIOGRAFIA⁽¹²⁾

- 1) Chan. de D. Afonso III, 83 Liv. I, f. 83V
- 2) Dic. Lello Universal, Ed. Lello e Irmão, Porto.
- 3) Enc. Verbo, Ed. Verbo, Lx. 1966.
- 4) Herculano, Alexandre, «História de Portugal».
- 5) Isilda Pires Martins e José Luis de Matos, «Muralhas de Loulé» in «Arqueólogo Português», série III, Vol. V.
- 6) Oliveira, Athaide de, «Monografia do Concelho de Loulé», Porto 1905.
- 7) Queirós, José, «Cerâmica Portuguesa».

Edição de: CÂMARA MUNICIPAL DE LOULÉ
Autor: Dr.ª ISILDA MARIA PIRES MARTINS
Fotos: HÉLIO RAMOS
Tradução: CIDÁLIA SEQUEIRA
Impresso por: SERIGRA, LDA. - 4/90 - 2.000 Ex.
N.º 972 - 9064 - 01 - 6

 Casa da Cultura António Bentes
Biblioteca